

A ESCUTA A PARTIR DO EXÍLIO: INCERTEZA E MOVIMENTO

*Eneida Cardoso Braga*¹

“O melhor da herança está com os dissidentes.”

Marcelo Viñar

1 Introdução

Que poderia dizer a psicanálise, a partir de seu referencial introspectivo e privado, sobre o amplo e diversificado contexto social e político da América Latina? Que ressonâncias este contexto faz aos consultórios e como suas diferentes expressões sociais podem interferir na forma de inserção da psicanálise na cultura?

Certamente estas questões requereriam uma discussão muito mais ampla e aprofundada, inalcançável à dimensão e ao propósito deste texto. De qualquer forma, há alguns aspectos essenciais que podem fundamentá-las, e assim nos propomos a abordá-las, mesmo que brevemente.

Inicialmente, trazemos à tona o problema da psicanálise estar referida simultaneamente a dois registros, o singular e o social, e abordamos algumas das repercussões desta forma de estruturação. Analisamos a importância de um ideal de pertencimento para o sujeito, para, em seguida, com a contribuição do pensamento de Emmanuel Levinas, marcar a relevância do movimento de rompimento deste ideal.

Nesta perspectiva, entendemos que a vivência do exílio, pela imposição do abandono de antigos ideais e do ingresso de um olhar “estrangeiro” - marcado por extremo sofrimento e violência - encontra, na escuta analítica, um instrumento de testemunho, e, ao mesmo tempo, de mobilidade e transformação.

2 Psicanálise: um saber paradoxal

Por sua forma privada de atuação, a psicanálise, à primeira vista, tende a ser considerada como uma técnica dirigida à introspecção, alheia ao exterior e destinada

¹ Psicóloga, psicanalista, mestre em filosofia pela PUCRS, diretora de ensino do Núcleo de Estudos Sigmund Freud.

somente ao benefício de poucos, aos que podem se conceder um longo percurso às profundezas de seu mundo inconsciente, visando à cura de suas neuroses. Entretanto, se nos reportamos aos seus inícios e fundamentos, vemos que Sigmund Freud (1856 – 1939) já desde a criação do mito da Horda Primeva², entrelaça os alicerces da psicanálise aos problemas da civilização.

Assim, a psicanálise está, desde suas origens, comprometida com a idéia de que o mundo interno dos indivíduos não é dissociado da realidade em que vivem: o sujeito, em seus sintomas psíquicos e neuroses, é, ao mesmo tempo, singular, e permanentemente atravessado por um contexto social.

A dificuldade que se apresenta é que, ao articular estes dois registros, o singular e o social, a psicanálise traz em si a marca de um paradoxo. Ainda que esta questão mereça uma discussão muito mais aprofundada, para compreendermos esta particular forma de atuação, precisamos abordar alguns dos aspectos que a envolvem.

Sabemos que a técnica psicanalítica é uma prática privada. É o sofrimento psíquico o que leva alguém a procurar um analista, e a manifestação do sofrimento é, naturalmente, sempre singular. A psicanálise, em resposta a este sofrimento, concebeu uma técnica capaz de acessar o que de mais íntimo o indivíduo guarda em si, e o faz através do acesso às expressões disfarçadas do inconsciente nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos e na lógica associativa do discurso.

Por esta razão, a escuta do analista é prioritariamente dirigida ao inconsciente, e este, ainda que desconhecido para o sujeito, não constitui uma categoria que se poderia denominar exterior, pois mesmo o que não é possível ser acessado ou recordado, ainda assim, faz parte do próprio psiquismo. Este é um dos fundamentos da psicanálise que, por concentrar um tipo especial de atenção na interioridade, corre os riscos de produzir um efeito e uma aparência de fechamento, de simplificação e alienação.

Em função disto, ainda há pouco tempo atrás, talvez vinte ou trinta anos, muitos psicanalistas compartilhavam da idéia de que estava fora do âmbito da psicanálise qualquer forma de intervenção que considerasse algum entendimento sobre, ou que lançasse algum olhar para o contexto sócio-político do país. O período de extrema repressão vivido em alguns países da América Latina, certamente também contribuiu para esta forma de reclusão e de silêncio.

² Trabalho de Sigmund Freud publicado em “Totem e Tabu” em 1912, que afirma que a morte do pai inaugura uma nova ordem social, estabelecendo as duas proibições fundadoras da cultura - o assassinato do pai e o incesto.

De outra forma, mas com o mesmo paradigma do isolamento, encontramos o pensamento de outros que sustentam que o contexto sócio-político do país pode ser compreendido exclusivamente pelo arcabouço conceitual psicanalítico, sem a necessidade do estabelecimento de diálogos com outros pensamentos.

Para evitarmos as armadilhas do reducionismo, voltamos nosso olhar ao paradoxo, considerando o problema da simultaneidade dos dois registros: como poderia se articular a causalidade inconsciente, marca registrada da psicanálise, com a realidade exterior?

Ao falarmos de causalidade psíquica, estamos nos referindo a um Eu que sofre determinadas conseqüências. Vejamos então como este Eu nos é apresentado, no modelo de organização do psiquismo proposta pelo pai da psicanálise.

Quando concebeu a idéia de aparelho psíquico, Freud imaginou-o como um dispositivo destinado a dominar as excitações, internas ou externas ao organismo, de forma a evitar o desprazer e a angústia. O Eu (*Ich*) é uma instância deste aparelho caracterizada por um tipo de organização e funcionamento que o diferencia em relação ao Isso (*das Es*), expressão das pulsões³, e o Supereu (*Über-Ich*), censor do ego, constituído pela interiorização das exigências e interdições parentais.⁴ O conjunto destas três instâncias forma então o aparelho psíquico, que se manifesta objetivamente através do ego (*Eu/Ich*). O Eu, enquanto categoria psicanalítica, diz respeito, então, à instância deste aparelho que, pelo contato mais imediato com a realidade, procura desempenhar a função de domínio das quantidades de excitação, na medida do possível.

A partir desta significação, podemos observar que o modelo de organização psíquica proposto pela teoria psicanalítica não concebe uma dicotomia entre o individual e o social, já que a própria definição de Eu refere aberturas à exterioridade.

Sobretudo, diante desta definição de psiquismo como um sistema aberto, em constante intercâmbio com o exterior, é importante que nos detenhamos na idéia de um aumento de complexidade psíquica, mais do que em um modelo de manutenção de um equilíbrio. Ao Eu não está predestinado um eterno retorno a uma condição original, que precisa ser recuperada. O movimento que se dá é o de um incremento de sua complexidade: o Eu é capaz de desenvolver potencialidades que o habilitam a suportar instabilidades e a administrar desordens cada vez maiores.

³ As pulsões (*Trieb*) são a “carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente”. (ROUDINESCO, 1998, p.628)

⁴ LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*.p.285.

Desta forma, entendemos que nenhuma dor, nenhum sintoma pode se produzir sem implicação com o contexto no qual o sujeito está inserido. A psicanálise, portanto, ao propor esta definição do psiquismo como uma organização não estável, traz, já em suas origens e fundamentos, uma articulação entre causalidade inconsciente e realidade exterior.

A história atravessa o indivíduo constituindo-o como sujeito, e o saber psicanalítico está comprometido com esta forma de escuta. Num modelo de “espiral” em constante movimento e crescimento, conjugam-se, no Eu, permanência e transitoriedade; singularidade e transcendência. A partir desta significação, podemos ver que o paradoxo a que nos referimos traz em si a essência do saber psicanalítico, pois a escuta se refere aos efeitos, no sujeito, de uma trama relacional.

Ao sujeito, portanto, corresponde a difícil tarefa de articulação destes dois registros, ou seja, o equilíbrio entre a manutenção de uma ordem interna, autônoma, necessária para a constituição de uma identidade; e a desacomodação traumática que o pode retirar da imobilidade e da redundância - desordem causada pelo reconhecimento da diferença.

3 Narcisismo e pertencimento: necessidade de certezas

“O ódio, no que tange à relação com os objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos.”

Sigmund Freud

Diante da concepção freudiana de psiquismo, vimos que, se ao Eu compete um tipo de organização que possibilita a segurança de um sentimento de identidade e de pertencimento, compete também um contínuo transcender deste lugar, e esta é a perspectiva que oferece a possibilidade de escuta do outro como diferente. Esta posição, contudo, é tão difícil de ser conquistada, quanto mantida. Há inúmeros e repetidos momentos na história da humanidade que evidenciam que a diversidade constitutiva da condição humana não foi considerada. São os momentos relacionados às mais diferentes expressões de violência, que, no contexto latino-americano, têm se manifestado por

regimes totalitários, tortura, bem como por preconceitos, desigualdades, injustiças, dentre outras tantas formas.

A diferença, marcada pelo aparecimento do outro, provoca a desestabilização das prévias certezas, gera irritação, recusa e ódio. O narcisismo ameaçado reage com uma sensação de desamparo pelo sentimento de perda de si e de seus valores de referência, e o indivíduo insiste na busca de “soluções” que possam lhe assegurar o lugar ilusório de detentor do saber e de uma posição de certeza e de domínio.

No artigo “A Psicologia das Massas e a análise do ego” (1921), Freud analisa o significado, para o indivíduo, do pertencimento a grupos. Afirma que estes, sejam de organização formal ou informal, oferecem um sentimento de “narcisismo grupal”, pela forma de identificação entre seus membros. Examinando a obra de Le Bon⁵, Freud explora que a organização dos grupos não reflete a soma dos pensamentos de seus indivíduos, mas sim, produz uma espécie de “mente coletiva” apresentando algumas expressões características:

“Tal grupo é excessivamente emocional, impulsivo, violento, inconstante, contraditório e extremado em sua ação, apresentando apenas as emoções rudes e os sentimentos menos refinados; extremamente sugestível, descuidado nas deliberações, apressado nos julgamentos (...) de maneira que tende a produzir todas as manifestações que aprendemos a esperar de qualquer poder irresponsável e absoluto”.⁶

Os indivíduos nos grupos agem, em determinadas situações, de forma extremamente distinta do que agiriam se estivessem sozinhos. Assim, a exaltação do narcisismo, evidente nas antipatias e aversões por “estranhos” com quem teriam de tratar individualmente, se desvanece, temporária ou permanentemente, quando dentro de um grupo. Nele, enquanto a união persiste, as diferenças são toleradas em troca deste sentimento de narcisismo grupal. Freud ressalta assim, a soberania dos grupos em relação ao indivíduo:

“Um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é a detentora da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas inibições.”⁷

⁵ Referida no texto como *Psychologie des foules* (1855).

⁶ FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do ego*, p.111

⁷ Idem, p.110.

A falta de independência e iniciativa dos membros de um grupo torna-o facilmente manipulável, há uma expectativa de que um líder possa dirigir e controlar sua “mente coletiva”. Vemos assim que o poder instituído pelo ideal do grupo restabelece no indivíduo o próprio narcisismo que sentia ameaçado pela falta de habilidade em acolher as diferenças. O indivíduo esforça-se em defender suas crenças através dos espaços que imagina detentores da garantia de uma verdade absoluta.

Assim, a pátria, o idioma, a casa, os grupos aos quais pertence, o clima e os aromas conhecidos proporcionam a segurança do pertencimento a um lugar; constituem a base da identidade, da integração do Eu. Da mesma forma, com o enfraquecimento deste ideal de pertencimento ou dos próprios ideais, geram-se sentimentos de solidão e abandono.

4 Exílio e alteridade

O pensamento psicanalítico é marcado pela experiência de um olhar de estranhamento e “estrangeiridade”, pela própria concepção de um inconsciente como exilado e estrangeiro a nós mesmos. Betty Fuks (2000) nos aponta esta “vocação de exílio” presente no método freudiano, afirmando que “o trabalho de análise envolve levar o sujeito a migrar da multidão familiar, a enfrentar o isolamento da maioria compacta e, nessa travessia, a encontrar, no rigor da palavra, sua singularidade, seu estilo, sua diferença absoluta.”⁸ Assim, segundo a autora, “não seria descabido dizer que a experiência analítica oferece um espaço aberto ao sujeito para que ele viva a aventura de exilar-se de si, de inventar-se outro, de voltar-se ao não idêntico.”⁹

De outra forma, e com semelhante significado, também as décadas de 60 e 70 se caracterizaram por marcar a psicanálise latino-americana por olhares de exílio. Analistas estrangeiros, impedidos pelos regimes militares de retornarem aos seus países e analistas brasileiros, interessados em desenvolver seus percursos fora da IPA¹⁰

⁸ FUKS, B. *Freud e a judeidade*: a vocação do exílio. p.142.

⁹ Idem, p.85.

¹⁰ International Psychoanalytical Association, instituição fundada por Sandor Ferenczi e Sigmund Freud em 1910, com o propósito de legitimar as sociedades psicanalíticas mundiais.

realizaram trabalhos profundamente questionadores, criando assim, um espaço para a legitimação da pluralidade e das possibilidades de diferença.¹¹

Estes olhares “estrangeiros” apontaram a omissão de suas instituições no contexto sócio-político do país, provocando cisões e dissidências e ampliando a produção teórica, que na época girava em torno da clínica individual, para a perspectiva do resgate do processo social como elemento crucial para a constituição do psiquismo.

Podemos entender este período de exílio de pátrias “geográficas” e “institucionais” no registro da experiência de um trauma. Marcelo Vinãr¹² (1992) descreve-o com excelência:

O homem se constrói a partir de suas ilusões e de seus projetos, e uma das dimensões da existência é o fato de remodelar permanentemente este jogo de ilusões e de projetos, que se dá entre o ser e as pessoas de sua convivência. O exílio faz abortar este movimento e o destrói, para retomá-lo na estranheza do não-familiar. Daí sua dimensão de traumatismo. Ele se apresenta como um tempo de inércia e contemplação, que emerge após a tormenta, o naufrágio e a catástrofe: propõe o desafio do que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota.¹³

Entendemos a vivência deste trauma como um momento de crise e sofrimento que precisava superar-se, retirando da experiência de desamparo e da perda de referenciais identificatórios, outras fontes de reflexão e transformação. Época, portanto, em que se operava o resgate dos verdadeiros fundamentos psicanalíticos: um movimento incessante de busca, um percurso sem possibilidade de chegada, nem de retorno à origem.

Com isto, entendemos que a imposição do exílio ou de outras formas de violência que marcaram a história latino-americana nestes períodos, pôde encontrar, na psicanálise - por sua forma paradoxal de estruturação - uma escuta que não deixou que

¹¹ Dentre estes analistas, podemos citar os nomes de Sílvia Bleichmar, Carlos Schenquerman, Emílio Rodrigué, Marcelo e Maren Viñar, Hugo Bleichmar, Luis Hornstein, Haydée Faimberg, entre outros.

¹² Marcelo Vinãr é psicanalista uruguaio, esteve exilado na França por 15 anos, e, juntamente com sua esposa Maren, tem se ocupado com a relação entre psicanálise e contexto social, dedicando-se a relatar sua experiência como psicanalista no trabalho com ex-torturados e a propor possibilidades de atuação psicanalítica no contexto sócio-político da América Latina.

¹³ VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura*: Maren e Marcelo Viñar. São Paulo, Escuta, 1992, p. 111.

se perdesse a essência do trauma; mas que, ao mesmo tempo, não permaneceu capturada e imobilizada por ele.

Marcelo Viñar (1992) nos aponta para a dificuldade de podermos situar em algum referencial teórico o sofrimento vivido por estes excessos: “Que palavra pode circular, se transmitir, quando o horror da tortura marca um indivíduo, um grupo ou um povo?”¹⁴ Segundo ele, os relatos correm o risco de induzir à ilusão da apropriação de uma realidade inapropriável: “falar da tortura e de suas conseqüências, dar um sentido ao horror, (...) isto nos faz tocar os limites do impensável.”¹⁵ No entanto, acredita o autor que, deste distanciamento entre o objeto e sua representação, pode surgir uma outra dimensão da palavra, o que possibilita escutar o inaudível sem deixar que se perca o testemunho do horror. Compara então este registro ao descoberto e descrito por Freud: o estatuto de uma realidade negada - o saber sobre a sexualidade e o inconsciente - e que adquire a mesma pertinência e o mesmo alcance.

De parte da filosofia, buscamos no pensamento de Emmanuel Levinas (1906 - 1995) uma importante contribuição para o aprofundamento desta questão. Ao afirmar a ética como filosofia primeira, Levinas propõe uma inversão do instrumental filosófico tradicional, retirando da ontologia o lugar de excelência. A impossibilidade de atribuir sentido ao Outro, implica na garantia de uma relação cujo encontro é desempenhado pela linguagem¹⁶.

O filósofo propõe que a palavra do Outro, que abre a perspectiva da proximidade, é o Dizer (*dire*), em oposição ao sistema de conceitos que remetem á totalidade, o Dito (*dit*). É esta oposição que queremos ressaltar para aproximá-la ao pensamento psicanalítico.

Levinas chama “Dito” ao sistema de signos, que como código, transmite significações. O Dito identifica, designa, confirma, fixa no presente a representação. Como “uma síntese concentrada, ele instaura, em sua originariedade, um campo comum, no qual se podem ancorar as referências da experiência humana,”¹⁷ ressalta Ricardo Timm de Souza.

Entretanto, as significações só podem operar em um meio de significância, que Levinas chama ‘Dizer’, e que, além de gerar os significados estabelecidos, permite ir

¹⁴ Idem, p.138.

¹⁵ Idem, p.133

¹⁶ Utilizaremos, neste texto, os termos linguagem e discurso como sinônimos.

¹⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p.130.

mais além deles. Luiz Carlos Susin aponta-nos que “o Dito, acolhendo a significância do Dizer na significação de quem diz, inquieta-se pela infinitude do Dizer: rompe-se, ganha um *sentido para-o-Dizer* que o deborda, o marca com seu sinal e o faz viver e transcender.”¹⁸

Para exemplificar esta oposição, lembramos que a criança, quando pergunta incansavelmente aos adultos sobre “os porquês” está intuindo este resto de significação que não pôde ser totalmente abarcado pela resposta, e que, pelo fato mesmo de existir uma tentativa de se dar por suficiente uma resposta, se desdobra em mais questionamentos. A pergunta pelo “por que” desafia a obviedade, mantém a insatisfação. É como se, de uma forma muito bela, a criança brincasse com a impossibilidade de suficiência do infinito.

O fato de o Dizer não encerrar-se no Dito revela também a fluidez do tempo. Para Levinas, o Dizer é pré-original e anárquico, pois não se origina do presente da consciência. Seu tempo é imemorrável e irrecuperável.

O tempo do Dizer é marcado pelo Desejo que nos move para o Outro, é um tempo que rompe toda a sincronia, pois seu dinamismo não é o da ordem do reconhecimento, é de uma desordem sem possibilidade de acomodação. Conforme define Ricardo Timm de Souza, “*não existe nenhuma capacidade rememorativa que seja capaz de presentificar a pré-temporalidade – a precedência ética – do Outro. O Dizer, ‘significando antes da essência’ é a linguagem do Infinito, e o falar, a resposta possível à exposição deste Infinito. O Dizer é a realização da lógica do Infinito.*”¹⁹

Como linguagem da infinitude, linguagem do Outro, o Dizer não permite que acompanhemos seu começo; no entanto, o discurso carrega em si mesmo um sentido ético, pelo “frente a frente” como acontecimento original, que o solicita. Afirma Levinas:

O discurso, pelo simples fato de manter a distância entre mim e Outrem, a separação radical que impede a reconstituição da totalidade e que é pretendida na transcendência, não pode renunciar ao egoísmo da sua existência; mas o próprio fato de se encontrar num discurso

¹⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984, p.310.

¹⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, ética e história: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p.136.

consiste em reconhecer a outrem *um direito* sobre o egoísmo e assim em justificar-se. A apologia em que o eu ao mesmo tempo se afirma e se inclina perante o transcendente é a essência do discurso.²⁰

Assim, pela afirmação e inclinação perante o transcendente, entendemos que o discurso é, ao mesmo tempo, oferta e acolhimento. No exercício da resposta, o presente não se perpetua e as palavras não fixam “lugares”. O Dizer é a conjugação da expressão e da não presença, simultaneamente.

5 Diferentes “Mal-estares”, diferentes psicanálises?

O percurso que realizamos neste trabalho nos leva a afirmar a impossibilidade de dissociação, no pensamento psicanalítico, entre mundo interno e exterioridade. A partir desta perspectiva, podemos falar, também, do entrelaçamento entre um contexto social específico e a psicanálise.

Da América Central ao extremo-sul da Argentina, todos são, em maior ou menor medida, vítimas dos excessos praticados pelos regimes totalitários. A América Latina foi palco das mais violentas práticas de repressão política e social. Este contexto, conforme relatamos anteriormente, não é um pano de fundo quando o sujeito fala ao analista sobre sua dor; ele impregna todas as relações, privadas e públicas, no entrelaçar dos registros interno e externo.

Diante da mesma impossibilidade de dissociação, e da importância de consideração das diversidades como constitutivas, não poderíamos conceber que um contexto social específico não tivesse implicações na forma de inscrição do discurso psicanalítico. Haveria então diferentes psicanálises?

Talvez a resposta a esta questão possa encontrar-se, em parte, na forma de inserção dos próprios psicanalistas nos movimentos sociais. Conforme propõe Marcelo Viñar²¹, para progredirmos na compreensão de temas que caracterizaram a história da América Latina, somos convocados a nos deixar interpelar por olhares estrangeiros, a

²⁰ LEVINAS Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa, edições 70, s.d. p.27.

²¹ VIÑAR (2005), p.33.

realizar encontros com grupos heterogêneos e a resistir ao fechamento em lealdades de pertencimento, em leituras e encontros que nos deixam aos riscos da inércia e da tautologia.

De outro modo, podemos pensar que a psicanálise nos fala já de um lugar de preservação das incertezas. Freud foi considerado um pensador trágico, ou um “iluminista sombrio”, por afirmar que compete ao sujeito uma infinita gestão do conflito entre pulsão e civilização, condenando-o a uma posição de irredutível mal-estar. No entanto, entendemos que a vitalidade do discurso freudiano está justamente na possibilidade de gestão deste conflito.

Podemos aproximar a forma de discurso presente no pensamento levinasiano e a forma de escuta que Freud propôs. O Dizer, linguagem da infinitude, linguagem do Outro, não nos permite acompanhar seu começo, mas nos convoca a uma resposta, a partir da aproximação com a alteridade. A psicanálise, pela escuta do Dizer que não está contido no Dito, que vem de *outro* contexto, articulando *outro* tempo, oferece ao sujeito um instrumental para infinitos questionamentos e transformações.

Esta é uma referência que a identifica e a caracteriza, independentemente das especificidades dos contextos sociais nos quais atua. Não poderíamos, portanto, falar de diferentes psicanálises, mas sim, de *uma*, que, por sua estruturação, é capaz de oferecer distintas e infinitas formas de gestão de conflitos.

Quando a linguagem estereotipada e imobilizada pelo trauma pode alcançar a expressão na forma de uma narrativa, a palavra ganha movimento, torna-se atravessada pelo tempo, é carregada de um potencial transformador. Este é o desafio e a essência da psicanálise: poder sustentar simultaneamente estes dois elementos do discurso, de permanência e de transitoriedade, como a palavra que se afirma e se despoja de si. Do contrário, o sujeito permaneceria vítima em um interminável lamento pelos sofrimentos vividos, como num discurso estéril e autocomiserativo, sem testemunho, sem herança, sem memória e sem tempo.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

BLEICHMAR, Sílvia. *Dolor País*. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2002.

FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVIII.

_____. (1912) Totem e Tabu. *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol.XIII.

_____. (1929) Mal-estar na civilização. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XXI.

FUKS, Betty B. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid, Alianza Editorial, 1984.

LEVINAS Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa, edições 70, s.d.

ROUDINESCO, E e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, Ética e História: Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura: Maren e Marcelo Viñar*. São Paulo, Escuta, 1992.

_____. *Alegato por la humanidad del enemigo*. In: KUNZLER, Fernando e CONTE, Bárbara (orgs.) *Cruzamentos 2: pensando a violência*. São Paulo, Escuta, 2005.